

## **A ARTE DE BENZER: O TRABALHO DE MULHERES BENZEDEIRAS DA COMUNIDADE DE ZUMBI, ALAGOA GRANDE**

*Severino Ramos Santana da Silva<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Este trabalho resultou de uma pesquisa com três mulheres da Comunidade do Zumbi, município de Alagoa Grande, no Estado da Paraíba, que se caracteriza por seus trabalhos prestados a essa Comunidade, com o intuito das crenças e uma prática religiosa, Santos e milagres atribuídos a sua fé através de um rito de cura destas Benzedoras. Através desta pesquisa, percebemos a importância dessas práticas religiosas, médicas, presente, sobretudo das classes mais populares, mas também não se restringe apenas a estas. No final de nossa pesquisa que a religiosidade popular se caracteriza por se manter na fronteira entre a fé e a vivência religiosa de cada um. Para tanto foi essencial um diálogo com a vida de cada uma destas benzedoras, por meio da cultura que cada uma possui.

**PALAVRAS-CHAVE:** Benzedoras. Crenças. Fé. Comunidade. Religiosidade.

### **INTRODUÇÃO**

Conhecendo a Comunidade de Zumbi, ou simplesmente sendo filho dela, resolvi escrever este artigo para que todos possam conhecer ou se já conhecem esta comunidade, saiba do valor que esta comunidade tem na vida de todos nós. Onde na ocasião tentaremos falar sobre três figuras importantes para esta comunidade, que são elas: Ana da Silva Marinho de sessenta e um anos, conhecida popularmente como Ana dos Anjos, Cosma Bento dos Santos de setenta e três anos, conhecida como Dona Cosma e Valdete Santana da Silva de cinquenta e nove anos, sendo esta última minha mãe. Na ocasião essas mulheres, cada uma com sua maneira de benção possibilitando assim uma forma de produzir ou de tentar buscar uma cura imediata para todo mal desta comunidade, mulheres de uma crença tão forte que chega a abismar cada um de nós, desta comunidade.

Onde o sagrado e o profano se encontram, onde a medicina popular marginalizada é aceita, onde pessoas excluídas de uma sociedade desigual encontram refúgio e a assistência negada pelas instituições oficiais, através da benzedura (Waldecir F. Chagas).

---

<sup>1</sup> Licenciando em História- UEPB.

Sendo este uma prática cultural que atravessou os séculos, chegando assim até os dias atuais, percebemos que estar presente no dia a dia das pessoas, sendo elas de classes inferiores ou simplesmente alcançando outros níveis de classes sociais, onde com o tempo todos estes ritos de celebração da benzeção passaram por uma mudança, seja ela corporal ou espiritual. “Com o passar do tempo meu filho, todo este ritmo que você conheceu, mudou, seja ele com ramos de pão ou com água, todo este processo já mudou e vai continuar mudando” (Dona Ana dos Anjos, 2015).

O Distrito do Zumbi está localizado na zona rural do município de Alagoa Grande, na região do Brejo Paraibano, com aproximadamente Seis mil habitantes, segundo o último IBGE (2010). Aonde a minha pesquisa vem trabalhar uma Arte revelando seus sentimentos e comportamentos acerca das mulheres benzedeiras e como elas constroem sua história religiosa. Assim podemos destacar que toda a população do distrito do Zumbi, sempre vai à busca de uma benzedeira, para assim acabar com um mal, que simplesmente ataca o espírito e afeta a alma. Uma prática religiosa muito frequente na comunidade é a presença do Catolicismo, mais com o passar do tempo, se implantou nesta comunidade, várias igrejas evangélicas, onde aparenta ter uma competição da fé.

Foi também constatado na comunidade, a influência de várias práticas da “Jurema”, onde as benzedeiras entrevistadas e todas elas da comunidade, dizem que a prática dela, não tem nada haver com a Jurema, ou simplesmente para elas uma prática de Macumba. Contudo, esta veio a se agregar a antiga fé e daí resultando a existência de diversas formas de ser Católico.

## **A INFÂNCIA DA BENZEDEIRA- O SURGIMENTO DA ARTE DE BENZER**

Benzedeiras, rezadeiras e Curandeiras, estas são algumas das personagens que simbolizam ao mesmo tempo uma das maiores resistências às invasões tecnológicas e uma bela manutenção de uma cultura rica em simbologias.

Destacando assim o começo da infância dessas três mulheres, parecem ser idêntico, onde todas tiveram quase um mesmo começo. Todas tiveram o início de sua infância trabalhando na Roça (ou como elas gostam de falar: trabalhando no roçado); Assim a primeira que destacamos a senhora Ana da Silva Marinho, de 61 anos, casada, mãe de 12 filhos, onde estão 10 filhos vivos e dois já falecidos. Sua infância foi na comunidade do Sítio Queimadas, município de Serra Redonda.

Onde ela destaca que desde muito tempo, sua família se destacava na arte de benzer, onde foi uma característica de família, assim, desde criança aprendeu com seu pai que também é rezador.

Bem diferente de Dona Cosma Bento dos Santos de 73 anos, nascida nesta mesma comunidade, também filha de agricultores, trabalhou sua vida toda, na roça, justo com seus pais e irmãos. Dona Cosma nos contar que desde criança, adorava em ver, as benzedeadas, curandeiras mais antigas da comunidade rezarem, mais que tinha a vontade de aprender, mais infelizmente, as mulheres não poderia ensinar a elas, pois se tem uma grande tradição entre elas. “Onde Mulheres não poderiam ensinar a outras mulheres, elas tinham que aprender com um rezador”. (Dona Cosma, 2015).

Assim ela descobriu essa arte através de seu esposo, que também é benzedeador e que dominar a vários anos essa arte.

E por fim destacamos a pessoa de Dona Valdete Santana da Silva, esta com 59 anos de idade, nascida no Sítio Serra do Balde, no município de Alagoa Grande, esta vem de uma família, cheia de benzedeadas, onde seu avô Severino Aleixo, era uma espécie de maior curandeiro da cidade de Alagoa Grande, sua mãe Lídia, também ainda hoje com seus 83 anos ainda continua a arte de Benzer, elas nos conta que a arte de benzer, é um dom de Deus e este dom não é pra qualquer um, mais apenas para aquele que é escolhido.

Assim podemos destacar que a benzeção como pratica cultural atravessou os séculos, chegando até os dias atuais, com uma grande ruptura e permanência, bastante presente no cotidiano de cada pessoa, onde assim podemos dizer que a cultura é dinâmica, modifica-se o tempo todo, pois desta arte participa homens e mulheres, tanto seja da elite, quanto das sociedades mais marginalizadas.

## **A BENZEDEIRA E A PRÁTICA DA JUREMA**

É comum encontra nas casas de todas as mulheres benzedeadas, curandeiras ou feiticeiros, algumas iguarias Católicas, onde tem uma semelhança com religiões Afrodescendente. Assim na comunidade de Zumbi e principalmente nas casas destas mulheres não é diferente.

Mas, quando o assunto se diz que tenham praticas de religiões Afrodescendente, simplesmente elas começam a negar e diz que isto é coisa do demônio, mais mal sabem eles que a origem disso tudo, veio dos seus ancestrais, negros vindo da África e que

trabalharam estas praticas religiosa aqui. Na Comunidade de Zumbi, não é diferente, existe muito forte, a pratica da Jurema, muito comum esta região.

Assim esse tipo de Atividade merece atenção especial devido a sua grande importância no campo da preservação cultural de praticas que estão em vias de desaparecer. Onde existe em seu âmago uma gama de simbologias e signos que nos revelam á grande mistura por assim dizer, de elementos que nos parecem assimétrico e, no entanto vivem em perfeita harmonia quando utilizados na pratica e assim permanecendo dotados de sentidos.

Nesse sentido, as praticas sociais e a experiência vivida no cotidiano, através da luta e resistência, proporcionaram a sobrevivência das praticas culturais no seu cotidiano e da cultura afro-brasileira (Josemir C.de Melo).

Tal processo, através das praticas, dos saberes, dos ritos, símbolos, festas, crenças, praticas de cura, espaços de sociabilidade e várias manifestações culturais, que lhe dão significância, foram tecendo os fios de sua historicidade na contextura social; Assim como um modo de cura, ou como um instrumento de intervenção o processo histórico social, ainda que ela não o faça de forma consciente e critica. Tal ofício é produzido e reinventado nas estreitas brechas do saber erudito e á sua revelia, quando este tenta impor-lhe a sua visão de mundo como se ela expressassem as necessidades das sociedades em seu conjunto.

Onde se cada dia mais se buscar uma cura imediata nestes benzedadeiras, assim deixando de lado um medico, e se procurando mais aliviar, suas dores, tanto espiritual, quanto da carne. Existe um ligamento muito forte destas mulheres com a pratica da Jurema, pois nas suas orações elas sempre invocam alguns santos ou mestres que também estão presente na pratica da Jurema. Sendo assim tais rituais de cura por meio do auxilio da natureza estão presente até hoje, e nos remete muitas vezes ás divindades protetoras de origem africana, indígena e europeia. As imagens de santos que aparecem grudados ás paredes parece querer a existência de praticas de cura por meio de plantas e rezas, estas benzedadeiras nos mostra quando criança ou adultos é levada para suas casas, antes de ser levada para um médico específico.

Assim sendo, a complexidade do ser humano o leva a buscar ritos e símbolos que torne sua vida menos dura, mais inteligível, por isso, homens e mulheres, de nossos tempo procuram a benzeção como uma forma de responder suas necessidades que a religião e medicina oficial, não respondem satisfatoriamente.

Essas mulheres se veem como portadoras de um dom, por isso não cobram pela consulta espiritual, até porque como elas próprias dizem: “Se é Dom, então esse Dom vem de Deus, todo Poderoso”; O reconhecimento do Dom é um marco na vida de uma benzedeira, porque esse dom a converte em alguém muito especial, alguém que está construindo um novo projeto de vida. Possuir esse dom é sentir-se diferente, o dom impõe um ofício, o ofício da benzeção.

Não basta apenas que a própria benzedeira reconheça a existência de um dom na sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde ela mora, onde atuam, seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são chegadas partilhem com elas desse momento singular. É necessário que essas pessoas especiais, capacitada, dotada de poderes sobrenaturais.

Contudo mostramos que tanto a pratica de Benzer, quanto a pratica da Jurema, é uma pratica social reconhecida por esta comunidade, sendo assim social e politica, porque oferece uma forma de combate á tragédia ou á doença dentre outras opções de solução, é ai que entra em confronto a medicina popular contra a medicina erudita, que esta discursa com a forma verdadeira de cura na sociedade, relegando á outra marginalidade. Além de ser uma pratica religiosa vista não com bom olhos pela igreja Católica. Sendo que o ofício da benzeção sintetiza um dos momentos concretos e possíveis em que aparece o confronto popular/ erudito, onde a benzedeira antagoniza o seu conhecimento ao do medico e ao dos padres. Onde o ofício da benzeção é um momento em que a benzedeira propõe uma releitura da religião e da medicina.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na tentativa de organizar esse universo variado, tentamos estabelecer uma fronteira metodológica entre o mundo das benzedeiros e este universo magico de modo que evitando- se os modelos interpretativos, esse procedimento foi motivado pela intenção de produzir no estudo um ordenamento mínimo de vida religiosa da comunidade, no esforço de formular uma interpretação elementar.

Onde neste cenário tudo parece misturado a fé, magia, milagres, castigo, existe, porem a clareza da necessidade de afastar as forças do mal de modo que é precisamente na fronteira entre o mal e o bem, religião e magia, que o homem do campo manifesta sua dificuldade de fixar uma demarcação precisa. Suas concepções são fluidas e cambiantes ainda que presas a tradições.

Entretanto, tanto a benzeção, praticada pela população estudada constituem dimensões que dominam a vida material e coletiva do lugar, em que as diferentes formas religiosas experimentadas expressam seu caráter eminentemente social. E se a vida da comunidade é marcada por diferença e mesmo autonomia entre ela, esta é marcada pela tradição religiosa popular, encarnada pela tradição Católica, que se percebe uma unidade entre a comunidade.

## **REFERÊNCIAS**

MARTINS, Eliane Cordeiro: Mestre em Sociologia Rural/ UFPB e doutoranda em Teologia pelo seminário Teológico Batista do Norte do Brasil- Recife/PE.  
DE ANDRADE, Maristela Oliveira: Professora do Programa de pós-graduação em Ciências das religiões da UFPB.  
CHAGAS, Waldeci Ferreira: Professor do Departamento de História da UEPB/GUARABIRA.  
DA SILVA, José Antônio Novaes: Professor Adjunto II do Departamento de Biologia Molecular, Centro de Ciências Exatas e da natureza da UFPB.